

APREDENDO A VER PARA APRENDER A DESENHAR

Por Jorge Elô



O fato de eu ser desenhista autodidata sempre intrigou algumas pessoas mais próximas. Para elas tudo não passava de um dom, algo que nasceu junto comigo dado por um ser superior. Evidentemente, eu sempre recusei essa afirmação, pois sabia o quanto havia me dedicado desde a infância para aperfeiçoar meu traço. Sei que os resultados que consigo atingir hoje com o lápis em mãos são frutos de um processo lento e gradual de toda uma vida. E sempre que alguém insistia em me dizer que era mesmo um dom, eu retrucava que poderia ser se, sem nunca haver desenhado algo, elaborasse um desenho com a força e a magnitude das gravuras de Goya, por exemplo.

Afinidade e talento são palavras mais exatas para conceituar a capacidade de alguém poder desenhar sem haver tido aula nenhuma. Não posso negar que a

influencia familiar também foi enorme no meu caso, pois sempre apreciei observar meu pai desenhando personagens e caricaturas, que fazia sempre que achava uma folha em branco. Ele não chegou a ser um profissional, mas sei que se tivesse se dedicado certamente seria um excelente artista.

O que pretendo com tudo isso é somente afirmar que qualquer pessoa pode aprender a desenhar, sem que para isso necessite possuir dom algum. Van Gogh, por exemplo, iniciou sua carreira de artista aos 27 anos, quando ainda cometia erros crassos de proporção e posicionamento de formas em seus desenhos. Aos 37 anos, quando veio a falecer, já havia evoluído de tal forma que realizou um conjunto de obras consideradas verdadeiras obras-primas da pintura universal. Mesmo tendo iniciado sua carreira como artista relativamente tarde, hoje é considerado um grande mestre da arte, tendo produzido mais de 800 quadros.

Já que qualquer um pode vir a ser um desenhista, poderíamos questionar: o que definitivamente é preciso para poder desenhar? A resposta é muito simples; é necessário aprender a "ver". A partir do momento que conseguimos ver nitidamente os objetos, suas formas, volumes, cores e traços, inevitavelmente conseguimos desenhá-los. Betty Edwards baseou-se na neurociência para explicar-nos como isso é possível em seu excelente livro "Desenhando com o lado direito do cérebro". Neste, a autora utiliza as descobertas iniciadas por Roger Sperry, onde foi revelado que o cérebro humano é dividido em dois hemisférios, um direito e outro esquerdo, que possuem funções distintas entre si, cada qual com determinadas propriedades.

Foi trazido à luz, além disso, que o raciocínio verbal e analítico está localizado primordialmente no hemisfério esquerdo, e o visual e perceptivo, encontra-se localizado no hemisfério direito do cérebro. Ocorre que o cotidiano exige das pessoas mais ações voltadas para as funções do hemisfério esquerdo, ou seja, o verbal e analítico, sobrepondo-se as propriedades do hemisfério direito (visual e perceptivo). Desta forma, no decorrer do nosso processo de crescimento, aprendemos a ver o mundo somente de forma verbal e analítica, enquanto as habilidades visuais e perceptivas são pouco experimentadas.

Um exemplo de como isso ocorre, pode ser visto num pequeno teste. Basta que você olhe agora ao redor e busque descrever o que consegue ver. Se estiver em seu quarto, irá apontar que há uma cama, um guarda-roupa, um computador, talvez pôster ou quadros, e se for como o meu, algumas roupas jogadas ao chão e etc. Por mais detalhista que você possa ser, descrevendo até as migalhas de biscoito sobre o

teclado do computador, ainda assim é possível que somente seu hemisfério esquerdo esteja no controle.

Fazendo o teste novamente, olhe tudo outra vez e agora sem dizer que no quarto há uma cama, mas sim se preocupando em enxergar como é esta cama. Qual é o seu tamanho, a cor de sua madeira, se há riscos na porta do guarda-roupa, a cor e forma do estampado da cortina. Ao tentar perceber os pormenores sem se preocupar em nomear os objetos, o hemisfério direito é acionado, e assim você de fato consegue ver os objetos, e não somente reconhecê-los e nomeá-los.



Segundo Edwards, quando somos crianças os dois hemisférios estão atuantes, sem que haja a sobreposição de um sobre o outro. Devido a isso, todas as crianças conseguem desenhar, muitas com excelente noção de formas e contornos, embora com pouca coordenação motora. Acontece que com o passar dos anos, o hemisfério analítico e verbal toma o controle, e assim chegamos à vida adulta elaborando os

mesmos desenhos de quando éramos crianças. Isso acontece porque o lado verbal "arquivou" as imagens geradas que criamos ainda pequenos, quando o hemisfério perceptivo estava em plena ação, e sempre que precisamos desenhar algo, como uma casa, por exemplo, recorreremos à imagem que temos em nossa memória visual para colocá-la no papel.

O domínio do hemisfério verbal sobre o perceptivo é tão forte que embora estejamos frente a frente com uma linda casa, ainda assim, reproduziremos o modelo de casa que criamos na infância quando ainda conseguíamos ver as coisas. O mesmo ocorre quando tentamos desenhar um rosto. Proponho que tente desenhar seu rosto olhando-se ao espelho. Certamente os olhos, a boca, o nariz, as orelhas e o cabelo que você irá reproduzir serão baseados no modelo mental que você criou na infância, muito diferente daquilo que você é na verdade. Se tentar desenhar outro rosto qualquer, irá perceber que o nariz, os olhos, a boca, as orelhas e o cabelo que você desenhou no desenho anterior se reproduzem neste, mesmo que o modelo seja totalmente diferente de ti, demonstrando como funciona o domínio do hemisfério verbal e analítico sobre o hemisfério visual e perceptivo.

A autora propõe diversos exercícios para se conseguir abandonar o olhar predominado pelo hemisfério verbal e passar a ver pelo lado visual do cérebro. Virar o desenho a ser copiado de cabeça para baixo é um deles. Ao olhar um rosto de cabeça para baixo, por exemplo, o hemisfério verbal não consegue conceituar o que vê, e sendo assim não busca referências no arquivo imagético do hemisfério perceptivo. Desta forma, quando você está desenhando a boca do modelo o cérebro não reconhece como boca, e sim tenta observar as formas dos contornos que esta toma, além da distância entre um traço e outro e assim por diante, ativando para tal tarefa o hemisfério perceptivo do cérebro. Quando treinamos isso com os exercícios propostos pela autora, conseguimos nos acostumar a fazer essa transição sempre que quisermos, tornando-nos desenhistas. O estilo e técnica serão aprimorados com o tempo, mas basta aprender a "ver" que já se aprendeu a desenhar. Betty Edwards realiza cursos intensivos em cinco dias, tempo suficiente para que qualquer um consiga tornar-se um bom desenhista.

É necessário, para terminar, delimitar que aprender a desenhar não faz automaticamente com que você se torne um artista. Para se tornar um artista é preciso muito mais do que aprender a ver simples formas, cores e volumes dos objetos; é necessário que se observe o imperceptível. O olhar do artista é um olhar

calejado, e suas obras são mais do que simples desenhos. Como diria Picasso, "a pintura não é feita para decorar apartamentos. É um instrumento de guerra para operações de defesa e ataque contra o inimigo". O desenhista consegue retratar o que vê. Já o artista está em guerra contra aquilo que não se apresenta somente aos olhos, mas também perturba a alma.

JORGE ELÔ (Paraíba/Rio de Janeiro) – Desenhista, Poeta, Historiador, colunista do Paraíba Online e editor do blogue: www.aventurasdavidacomum.blogspot.com

